

Resolução de Conjuntura Internacional

1. Vive-se a catástrofe e barbárie capitalista escancaradas pela pandemia. Mais de 4,55 milhões de pessoas mortas, vítimas da Covid-19 e do sistema capitalista. A crise aguda provocada pelo capitalismo tem um fundo estrutural e repercute sobre todas as dimensões da vida: econômica, social, ambiental, cultural e política. Seus efeitos mais perversos são: rebaixamento brutal das condições de vida dos trabalhadores, trabalhadoras e de todas as pessoas oprimidas; e uma enorme crise ambiental, agravadas ainda mais pela pandemia e pelo descaso dos governantes para com a saúde e a vida. Está comprovada a inviabilidade desse sistema, não só para a classe trabalhadora, mas para a humanidade: mesmo em plena pandemia não se cuida da saúde e da vida de grande parte da população, mas sim dos lucros dos grandes laboratórios e empresas de saúde em mãos da burguesia. O exemplo dos EUA como epicentro da pandemia descontrolada significa um grande golpe para o imperialismo e sua ideologia dominante.

2. A crise econômica histórica, que estourou em 2008 nos países centrais e depois nos periféricos, não foi superada e, com a pandemia, agravou-se fortemente. A incapacidade do imperialismo em superá-la e enfrentar a pandemia mantém a economia mundial em marcha lenta e sujeita a uma profunda depressão global. E já começa a ter consequências no cenário político mundial, com maior polarização e hostilidade política entre os países imperialistas e com a retomada de lutas radicalizadas mesmo durante a pandemia, como a rebelião que ocorre na Colômbia neste maio de 2021, questionando o governo e suas políticas neoliberais, assim como no Haiti, Chile, França e Bielorrússia.

3. Mas a burguesia mundial não tem “Plano B” e para garantir sua sobrevivência precisa manter constantes ataques contra a classe trabalhadora. A crise social é desesperadora. Milhares de pessoas estão morrendo por falta de atendimento médico, vagas em hospitais e UTIs, medicamentos, oxigênio, vacinas e pelo aumento do desemprego, da desigualdade social e da pobreza. Os ataques penalizam principalmente as mulheres, jovens, população negra, povos originários, idosos, crianças e a população LGBTQIA+. A fome, as guerras e a xenofobia, agravadas pela pandemia, torturam uma parcela cada vez maior de pessoas em todo o mundo. Como consequência, o mundo assiste a um êxodo populacional sem precedentes.

4. Em alguns países, a polarização social transforma-se em polarização política, cujo resultado mais visível é a ascensão de governos de extrema-direita e, ao mesmo tempo, o desenvolvimento de uma resistência popular e democrática expressiva, mesmo que insuficiente hoje para mudar a correlação de forças, principalmente porque em nenhum país existe um processo de direção revolucionária emergente com condições de direcionar os processos de mobilização e levantes de massas no sentido socialista.

5. A crise climática ameaça a própria possibilidade de vida no planeta. E só será revertida com a utilização de energias limpas e renováveis; readequação da indústria automobilística, voltando-a ao transporte coletivo; fim do desmatamento e reflorestamento de áreas devastadas; reforma agrária agroecológica e, de modo geral, produção destinada às necessidades sociais e não ao lucro. Nada disso poderá acontecer dentro do sistema capitalista. As concepções produtivistas e desenvolvimentistas, defendidas até mesmo por setores da esquerda, precisam ser superadas. O processo de consulta e participação dos povos nas decisões é indispensável. Só um programa ecossocialista pode nos salvar da destruição. Por isso dizemos: Ecossocialismo ou Extinção!

6. A crise climática também vem se agravando, mas não sem resistência de vários setores. Essa situação vem influenciando alguns processos eleitorais no continente europeu, a exemplo da Noruega. A vitória da centro-esquerda nas eleições parlamentares de setembro de 2021 foi marcada pelo debate da necessidade de se enfrentar os problemas climáticos e o destino do setor petrolífero no país, que é o maior produtor da matéria-prima na Europa Ocidental.

7. Essa vitória da centro-esquerda indica um avanço, mesmo que parcial, das pautas progressistas. Além desse fato, vimos a vitória das mulheres mexicanas com a descriminalização do aborto, fruto de décadas de luta. Essa conquista certamente ecoará em outros países. Atualmente a interrupção da gravidez é legal em poucos países da América Central e do Sul, tais como Argentina, Uruguai, Cuba, Guiana, Guiana Francesa e Porto Rico. Essa vitória é muito importante, pois também é uma resposta aos ataques judiciais que estão sendo implementados nos Estados Unidos para dificultar o acesso ao aborto legal. Situação também visível no Brasil com a recente Portaria do Ministério da Saúde que criou critérios para dificultar o acesso ao aborto seguro e gratuito nos casos garantidos por lei.

8. A resistência popular também obteve vitórias no Chile. Agrupamentos políticos independentes e de esquerda conquistaram maioria na convenção constituinte que irá pautar a estrutura econômica chilena e as políticas sociais. O último processo eleitoral de maio deste ano evidenciou a opção da população pela defesa dos direitos sociais e o desprezo pelos partidos tradicionais/neoliberais. O quadro chileno segue em aberto e somente a manutenção das mobilizações populares poderá garantir que a herança da Ditadura de Pinochet seja finalmente enterrada.

9. Na mais recente Conferência da ONU, a presença de Bolsonaro foi rechaçada internacionalmente. O único presidente do G20 não vacinado manteve seu discurso conservador e voltado para sua própria base, marcado por mentiras e manipulações do início ao fim, como a defesa da Amazônia e de uma política ambiental avançada; e de que teria dado um auxílio de 800 dólares as pessoas mais carentes durante a pandemia, o que sabemos não é bem verdade

10. Na medida que a vacinação vai avançando, as condições gerais para a luta social e política vão se desenvolvendo, permitindo assim uma retomada paulatina das mobilizações de massa. No geral, essa situação não reverte as desigualdades na distribuição de vacinas. Além disso, ainda não podemos afirmar que a pandemia terminou. Persiste em alguns países a rejeição de alguns setores pela vacinação em massa, outros continuam com acesso insuficiente às vacinas.

11. A retomada da “normalidade” explicita que contradições estruturais do sistema mundial se intensificam e se refletem nos conflitos geopolíticos e nas disputas entre projetos burgueses de dominação mundial. EUA mantém ainda a hegemonia imperialista, mas a crise sistêmica que não consegue resolver abre um cenário de disputa, principalmente representada pelo conflito entre EUA e China, que é marcada também por similaridades de ambas na defesa do extrativismo predatório, na reprodução dos mecanismos de endividamento dos países pobres e no desrespeito sistemático aos direitos da classe trabalhadora nestes países, especialmente entre as mulheres e as populações racializadas.

12. A derrota militar do imperialismo no Afeganistão é uma mostra dos problemas que tem. Os EUA e seus parceiros imperialistas internacionais estavam se afogando no pântano afegão. Isso também mostra o quanto os Estados Unidos, que assumiram a liderança do imperialismo desde a Segunda Guerra Mundial, perderam seu ímpeto e não conseguiram criar alternativas. Mas o povo afegão não foi quem ganhou, agora enfrenta a barbárie talibã, principalmente as mulheres, que já começaram a se manifestar contra

13. A derrota de Trump nos EUA não pode ser explicada por fora do ascenso na mobilização que teve o movimento antirracista na frente. Essa derrota cancela os planos do projeto de extrema-direita no eixo do imperialismo e abre um novo cenário para todo o continente americano. Houve também respostas a este processo na forma de mobilizações populares, especialmente na América Latina e no próprio EUA, demonstrando as possibilidades abertas para alternativas independentes que vocalizem estas resistências através de um programa anticapitalista que consiga chegar às maiorias nacionais e mobilizá-las.

14. É tarefa dos revolucionários e das revolucionárias manter nossa constante solidariedade e apoio para o povo palestino que não deixa de lutar contra o estado sionista e genocida de Israel. Esse estado inventado como conclave imperialista na região deve ser derrotado com a mobilização do povo palestino e a incondicional solidariedade internacional. É parte de nosso programa a exigência de ruptura das relações diplomáticas e comerciais com ele por parte dos governos de todo o mundo.

15. O PSOL deve ser uma dessas ferramentas, articulando os processos e organizações anticapitalistas internacionais na tarefa de responder politicamente aos desafios desse momento de polarização, denunciando os imperialismos sem capitulações de qualquer ordem e

expressando solidariedade aos trabalhadores/trabalhadoras e setores oprimidos em luta.